

Morre cientista político Wanderley Guilherme dos Santos

Cientista político estava internado desde quinta-feira por conta de uma pneumonia

Por **Cyro F. Andrade** — São Paulo

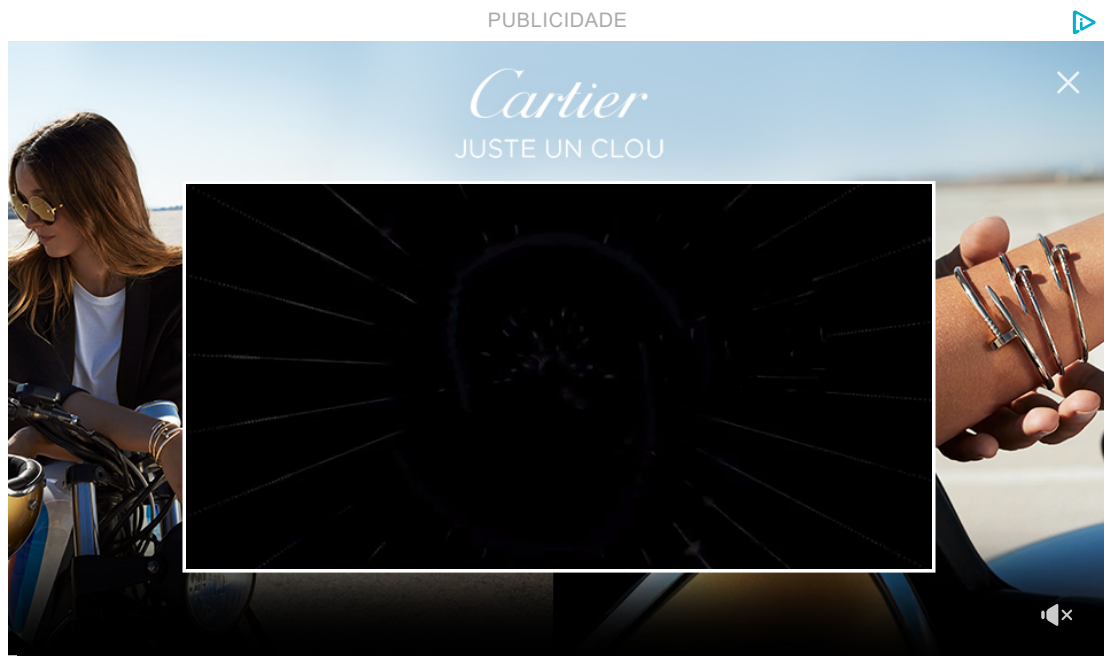
26/10/2019 11h20 · Atualizado há 3 dias



Foto: Leo Pinheiro/Valor

Morreu ontem à noite no Rio de Janeiro, aos 84 anos, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, professor aposentado da UFRJ.

A causa da morte foi uma pneumonia e, segundo o blog do jornalista Lauro Jardim, no O Globo, o cientista político estava internado desde quinta-feira.



Quando decidiu dedicar-se ao estudo da filosofia, Wanderley Guilherme dos Santos não esperava tornar-se um dos principais responsáveis pela institucionalização, no Brasil, da ciência política como disciplina de relevo entre as ciências sociais.

Foi uma descoberta gradativa. “Eu não gosto de história das ideias como disciplina; eu gosto das ideias. Fui abandonando cada vez mais a perspectiva [de lecionar filosofia] e, ao mesmo tempo, gostando cada vez mais de pensar. Pensava epistemologicamente sobre problemas econômicos, políticos e sociais. Então, fui juntando pedaços da filosofia que me interessava, buscando ter uma abordagem não dogmática, não escolar, no sentido de escolas ou doutrinas” [depoimento para o projeto “Memória das Ciências Sociais do Brasil”, do Cpdoc/FGV, 2011].

Assim, quando tinha à frente as ideias de um sociólogo, ou de um cientista político, ele os lia como filósofo. “Eu não leio no sentido político. Eu vejo onde eles estão vulneráveis do ponto de vista do que eles propõem, do que apresentam como evidência e como aquilo é frágil logicamente. Eu leio como filósofo” [no mesmo depoimento].

Nesse outro ramo do conhecimento, o da ciência política, que seria o de sua escolha definitiva, produziu extensa bibliografia ao longo das décadas em que trabalhou o saber como instrumento de intervenção pessoal na vida pública nacional. Fez conferências, falou em seminários, concedeu entrevistas que depois circulavam pelas redes sociais. Escreveu livros e principalmente artigos publicados em

periódicos de circulação exclusiva em seu meio de atuação e em veículos de interesse geral. Orientou mestrandos e doutorandos.

Foi um analista político de opinião anticonservadora sempre claramente exposta no debate público em que se envolveu com empenho militante, embora sem filiar-se a um partido. Via o Brasil imerso em um processo que entendia como espelhado em mudanças verificadas também em outros países, em anos mais recentes, próprias de um cenário internacional em que as classes trabalhadoras estariam experimentando perda constante de direitos sociais em meio a conflitos distributivos de viés antidemocrático.

Seu livro “A Democracia Impedida – O Brasil no Século XXI” (FGV, 2018) traz o registro de reflexões sobre fatos dessa ordem, acumulados ao longo dos anos, principalmente a partir do episódio de corrupção parlamentar chamado de “mensalão”, que culminaram com o impedimento da presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016, como resultado, em sua interpretação, de dois “golpes” correlatos, um constitucional e outro parlamentar.

A graduação em filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1958, aos 23 anos, poderia ter sido o princípio de uma carreira no magistério, mas foi em ciência política, já se insinuando a escolha depois definitiva de caminho acadêmico e intelectual, que ele se doutorou na Stanford University, em 1969, com a tese “The calculus of conflict: impasse in Brazilian politics and the crisis of 1964”.

No início da década de 1960, ainda se dispôs à pesquisa sobre filosofia brasileira, enquanto assistente de Álvaro Vieira Pinto no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Trazia, porém, a inquietação política que vinha dos tempos de faculdade e que o levou, depois de formado, a procurar formas de militância fora de partidos, como a participação em um grupo de jovens que dava aulas de alfabetização em favelas (como trabalho, tinha o emprego de chefe do departamento de treinamento e formação de pessoal do Serviço Social do Comércio - Sesc). É desse tempo a publicação, em 1962, de seu artigo intitulado “Quem dará o golpe no Brasil?” na coleção “Cadernos do Povo Brasileiro”, dirigida por Vieira Pinto e Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira. Ficou no Iseb até 1964, quando a ditadura militar interditou o funcionamento da entidade.

Foi professor no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), da Universidade Cândido Mendes, onde teve participação marcante na instalação do curso de pós-graduação em ciência política, do qual depois foi diretor. Considerava essa passagem, que se estendeu de 1971 a 2003, como definidora do início de sua dedicação sistemática ao estudo da política, coisa que não havia feito até então.

Voltou a Stanford em 1980, professor visitante de política comparada latino-americana e teoria política contemporânea, em 1980-1981, mesma função e mesma temática de um período anterior de trabalho na Universidade de Wisconsin.

Aposentou-se em 1994, como professor titular de teoria política na pós-graduação da UFRJ. Também foi professor, nessa área, na Universidade Federal Fluminense.

Em dezembro de 2016, teve mais uma ocasião para expressar o pessimismo com que via ultimamente as perspectivas institucionais e políticas reservadas ao país. Como palestrante convidado para a série de debates “Futuros do Brasil”, promovida pelo Centro de Estudos Estratégicos da Fundação Oswaldo Cruz, terminou sua exposição dizendo-se incapaz de imaginar o que seriam os desdobramentos do impedimento da presidente Dilma Rousseff:

“Não sei o que ocorrerá. Não tenho a menor capacidade de previsão. Exceto uma coisa: não vai acabar bem. Quero dizer que não creio que este processo tenha um desenlace com alguma solução sem custos de violência bastante mais elevados do que os que já estão ocorrendo. Não vejo nenhuma das propostas circulando como capaz de retornar a rotina institucional. Nem mesmo eleição direta. Não quer dizer que não devemos fazer alguma coisa. Eu participo o tempo todo, fazendo oposição.”

Em março de 2018, em entrevista com Maria Cristina Fernandes, voltou a falar, com desalento, de suas preocupações: “Nunca me deparei com uma circunstância de crise política igual à atual. Nunca vi nada igual a isso e não apenas no Brasil. Há uma desestruturação tão grande no sistema político, uma multiplicação de centros autônomos de decisão arbitrários, que, todavia, não podem ser domesticados, ou enquadrados.” O futuro lhe parecia absolutamente incerto: “O destino, aqui, quem vai resolver é o acaso. Como foi o acaso que criou aquelas condições para aquele espetáculo de 17 de abril [o impedimento de Dilma Rousseff]. Só o acaso explica aquilo. Não foi destino, não foi racional, não foi nada. O papel do imponderável hoje é enorme”.

Expressava, porém, uma certeza: a legitimidade das eleições, com ou sem Lula, ao contrário do propalavam setores da esquerda, a começar pelo Partido dos Trabalhadores. Recomendava, porém, sem perder de vista a precariedade político-institucional que não se cansava de apontar, que se fizesse um plebiscito, depois da posse, para que o futuro presidente pudesse levar adiante suas propostas, sem transformar-se em refém do Congresso.

Wanderley Guilherme dos Santos nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1935. Era casado com a cantora e atriz Anna Maria Buarque de Hollanda, ex-ministro da Cultura no governo de Dilma Rousseff. Deixou três filhos e três netos.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

Espante os bandidos com o alarme de segurança inteligente.

ALARME VERISURE

LINK PATROCINADO

Bolsonaro a repórter: 'Continua não entendendo de economia, né?'

VALOR INVESTE

LINK PATROCINADO

Grelhe seus alimentos no fogão sem fumaça!

DESCONTALIA

LINK PATROCINADO

O jogo mais viciante do ano!

FORGE OF EMPIRES - JOGO ONLINE GRÁTIS

LINK PATROCINADO

Nunca mais perca uma foto graças a esse novo gadget inovador

PHOTOSTICK

LINK PATROCINADO

Descubra os Utilitários Peugeot.

PEUGEOT

Mais do Valor **Econômico**